

# PRISIONEIROS DO CÍRCULO, MAS COM OS BOLSOS CHEIOS DE PÃO

*Por Priscila Gontijo<sup>1</sup>*

---

CHAPÉU. Eu acho que não deve ser tão difícil assim tirá-lo de lá.

BENGALA. Eu também dizia aqui comigo mesmo que precisamos tirá-lo de lá. Mas não acho que isso vai ser tão fácil assim.

CHAPÉU. Precisamos descer e tirá-lo de lá.

BENGALA. Como assim, descer?

CHAPÉU. Descer, não é?

BENGALA. Onde?

CHAPÉU. Como, onde? No poço.

*(Com os bolsos cheios de pão, de Matei Vişniek, Tradução de Fábio Fonseca de Melo).*

---

O homem de bengala e O homem de chapéu encontram-se ao redor de um poço desativado onde um cachorro foi jogado por desconhecidos. Com esse ponto de partida aparentemente simples, Matei Vişniek, dramaturgo romeno

---

<sup>1</sup> Escritora, dramaturga, pesquisadora e professora. Mestra em Literatura e Crítica Literária pela PUC/SP, doutoranda em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) FFLCH/USP. Licenciada em Língua Francesa e Língua Portuguesa. Participou do grupo Macunaíma coordenado por Antunes Filhos, da Cia Os Privilegiados de Antônio Abujamra, é cofundadora da Companhia da Mentira. Atuou como artista orientadora do Programa Vocacional. Atualmente é professora de dramaturgia e roteiro no curso de pós-graduação Formação do escritor, no Instituto Vera Cruz-SP.

naturalizado francês, constrói uma espécie de labirinto verbal. Os dois homens argumentam diante do poço, tecem conjecturas, levantam hipóteses, discutem probabilidades, anunciam indícios de presteza, mas, logo em seguida, retornam ao ponto zero. Eles se perguntam, constantemente, quem poderia ter jogado o cão no fundo do poço, tentam encontrar meios para tirá-lo de lá, buscam saídas, tramam soluções para salvar o bicho, mas se perdem em elucubrações infundáveis.

O texto começa com os dois personagens xingando os possíveis algozes do cão, os desconhecidos que o jogaram no poço. Mesmo com ganas de reagir contra o ataque, nenhum dos dois se convence a tomar a iniciativa. O máximo que conseguem é atirar migalhas de pão ao animal, um gesto que insinua um comentário amargo de temor disfarçado. A dramaturgia gira em torno de uma humanidade esgarçada, composta de seres impotentes, arruinados, cúmplices na omissão e, por isso mesmo, tragicamente solitários.

As encruzilhadas do pensamento, com suas armadilhas inerentes, suas múltiplas possibilidades de escolhas, de erros, sua polivalência intrínseca, guiam os personagens por uma espiral agônica de tentativas, que não se cansa de adiar qualquer apelo ao gesto redentor. Essa espécie de desnorтеio paralisante, causado pelo excesso de divagação, reverbera, inevitavelmente, nos dias de hoje. Sobrecarregado por dezenas de notícias e eriçado pelos comentários que pululam nas redes, o sujeito da atualidade é capaz de fabricar textos dos mais inspirados sobre assuntos diversos e, ainda assim, manter-se indiferente aos apelos aflitos do inquilino ao lado. Do mesmo modo, os personagens de *Com os bolsos cheios de pão* compreendem a urgência da situação, mas são incapazes de reagir à altura.

Conforme o espetáculo avança, testemunhamos os dois sujeitos mergulharem cada vez mais no caos dos devaneios, atraídos para o abismo que observam. Como alguns personagens tchekhovianos, que falam, falam, mas não conseguem sair do lugar, o Homem de bengala e o Homem de chapéu não alcançam nem um ao outro, quanto mais a um cão em perigo. Não há palavras

suficientes no mundo que substitua a ação concreta e vigorosa capaz de mudar a realidade.

E se não há nada a fazer, só lhes resta esperar. Ao atualizar esse signo da espera, o autor romeno homenageia dois dramaturgos de sua predileção: Tchekhov e Beckett, autores de *Esperando Godot* e *As três irmãs*. Não é a primeira vez que Vişniek revisita esses universos. Em *O Último Godot* (1998) e *A Máquina Tchekhov* (2005), o mesmo tema estava no centro.

Além de dramaturgo, Matei Vişniek, nascido em 1956, é poeta e jornalista. O autor vive na França há cerca de 30 anos, desde que ali se refugiou em fuga da ditadura de Caeausescu. Formado em história e filosofia, Vişniek tem 21 peças publicadas no Brasil. Com diálogos curtos e alta voltagem poética, o autor já disse, em entrevista, que sua dramaturgia explora o mundo e as contradições do ser humano com ferramentas não-científicas, como a poesia e o humor sombrio. “Se o jornalista que vive em mim vê tudo depois da injustiça, o escritor também vê o lado grotesco da própria injustiça”. E é esse lado grotesco que a pena afiada de Vişniek captura da luz cotidiana e lança no escuro do palco, revestindo com um tom humorístico, tão peculiar na sua obra.

Considerado herdeiro dos domínios do Absurdo, no seu teatro pode-se encontrar aspectos formais identificáveis em Beckett e Ionesco. Inclusive, na introdução de um de seus textos, Vişniek escreveu: “Depois de ler as peças de Ionesco, nunca mais tive medo na vida. Mais do que qualquer sistema filosófico ou livro de sabedoria, foi Ionesco que me ajudou a compreender o homem e suas contradições, a alma humana, a vida e o mundo”.

Vişniek consegue enxergar em situações banais não apenas o lado absurdo, mas também um duplo fenômeno, graças aos dois ofícios que exerce. Ao somar o apuro técnico do jornalista à sensibilidade risonha do escritor, ele inventa uma obra em que o avesso de um reflete a ambiguidade do outro. Essa “colaboração” reverbera nos personagens de *Com os bolsos cheios de pão* estimulando um nítido jogo de contrastes, que remete ao espelho mágico de circo com efeito deformador e que constitui uma das técnicas do palhaço. A

dinâmica, conhecida como o branco e o agosto, expõe os opostos complementares: razão e emoção.

No caso de *Com os bolsos cheios de pão* não deixa de ser tentador ver nos personagens, possíveis reverberações do autor, ou seja, no Homem de bengala temos a representação da persona do jornalista e no Homem de chapéu, a persona do artista. Outros duplos nascidos dessa cisão de matriz seriam o Gordo e o Magro, Dom Quixote e Sancho Pança, Carlitos e o Garoto e, finalmente, Vladimir e Estragon de *Esperando Godot*. Neste último, há uma associação direta, que o próprio Vişniek enfatizou, na sinopse da obra em inglês, entre seus personagens e a dupla de Beckett.

Esse jogo de duplos é bem explorado na encenação de Vinicius Torres Machado, e na atuação de Edgar Castro e Donizeti Mazonas. Os atores se movem sobre uma plataforma cilíndrica de um metro e meio de diâmetro, no centro de um palco desnudo, que lembra um poço invertido. A cenografia de Eliseu Weide é simples e eficiente. Ao elevar o palco e reduzi-lo ao extremo, exige-se que a ação dos atores fique totalmente concentrada, ao mesmo tempo em que desafia o deslocamento no espaço restrito. Desse modo, a montagem exacerba a sensação de confinamento e de imobilidade presentes no texto. Os atores giram no pequeno espaço, se agridem, se deitam, se levantam, rodopiam. O público anseia ora pelo tombo, ora pela redenção.

Edgar Castro confere ao Homem de bengala uma interpretação comovente que mescla a contenção gestual e específica do sujeito mais racional com uma sobriedade melancólica e desiludida. Donizeti Mazonas, que além de ator é dançarino, explora a gestualidade do Homem de chapéu com uma agilidade e um ritmo mais frenético, revelando um repertório corporal que impressiona. Os dois atores, com pleno domínio vocal e técnico, demonstrados pela extensa trajetória nos palcos, formam uma dupla afinada, que sabe conduzir com rigor e leveza o jogo cênico, sem perder a intensidade da composição rítmica dos diálogos, que tem uma cadência arrebatadora.

A direção segura de Vinicius Torres Machado opera no fio da navalha, criando uma tensão crescente, que a trilha sonora de Pedro Canales, com seus ruídos, dissonâncias e sons abafados de fundo, aprimora. O público se mantém atento, sempre na expectativa da queda iminente, cúmplice daqueles homens que flertam com o abismo. E não apenas o abismo sob seus pés, mas o que está diante deles, os pequenos olhos acesos, que aguardam, num silêncio espantado. A iluminação de Wagner Antonio é a chave para a revelação final.

*Com os bolsos cheios de pão* é uma fábula da impotência. O autor já disse algumas vezes, que o texto, escrito em 1984, quando a Romênia ainda era governada pelo ditador Nicolae Caeausescu servia como metáfora para as questões que o povo romeno vivia sob um governo ditatorial, isto é, o cachorro refletia a imagem do próprio povo e do próprio autor abandonados no fundo de um poço à espera de alguém que os salvassem. A peça acena para uma terrível realidade que se repete, ganhando, entretanto, uma contundência ainda maior ao evidenciar o perigo que o crescimento de governos autoritários, ao redor do mundo, sugere.